

EU SOU A LENDA

EU SOU A LENDA

RICHARD MATHESON

Tradução de Fernando Ribeiro e David Soares





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Eu Sou a Lenda*

AUTORIA: *Richard Matheson*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2007 Edições Saída de Emergência

Título original I am Legend © 1954 Richard Matheson.

TRADUÇÃO: *Fernando Ribeiro (I am Legend) e David Soares (restantes contos)*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II, S.A.*

1ª EDIÇÃO: *Dezembro, 2007*

ISBN: *978-989-637-015-2*

Desta obra foi feita uma edição de colecionador limitada a 999 exemplares, com o ISBN 978-972-8839-48-2

DEPÓSITO LEGAL: *??????/07*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Para Henry Kuttner
com os meus agradecimentos
pela sua ajuda e encorajamento

Primeiro Capítulo

NAQUELES DIAS NUBLADOS, Robert Neville nunca tinha a certeza de quando o Sol se punha, e, muitas vezes, eles já estavam nas ruas antes de ele conseguir voltar.

Se tivesse sido mais lógico, teria conseguido calcular, aproximadamente, quando chegariam; no entanto, ainda se regia pelo velho hábito de adivinhar a chegada da noite olhando para o céu, e naqueles dias cheios de nuvens, esse método não funcionava. Por causa disso, ficava em casa nesses dias.

De cigarro pendurado ao canto da boca, dava voltas à casa na penumbra lenta da tarde, soprando fumo por cima do ombro. Verificou todas as janelas para ver se algum dos painéis de madeira estava solto. Depois de ataques violentos, as tábuas estavam normalmente rachadas ou totalmente arrancadas e ele tinha que as substituir por tábuas novas; detestava esse trabalho. Hoje apenas uma tábua se tinha soltado. Incrível, não é?

No quintal das traseiras foi ver a estufa e o depósito de água. A estrutura do tanque podia ter sido danificada ou os reservatórios para a água da chuva dobrados ou partidos. Por vezes eles atiravam pedras por cima da alta vedação em redor da estufa, que passavam pelos buracos da rede que a protegia em cima e ele tinha de substituir as vidraças.

Tanto o depósito como a estufa estavam impecáveis hoje.

Voltou a casa para ir buscar um martelo e alguns pregos. Quando empurrou a porta da frente, olhou para a sua figura distorcida no espelho quebrado que tinha preso à porta há coisa de um mês. Daí a uns dias, pedaços recortados do espelho prateado iriam começar a cair. Que caíam, pensou. Era a última vez que metia a porra de um espelho ali; não valia a pena. Poria alho na porta. O alho resultava sempre.

Passou lentamente através do silêncio fusco da sala, virando à esquerda no pequeno corredor e à esquerda de novo entrando no quarto.

Tempos houve em que o quarto tinha estado confortavelmente decorado, mas isso tinha sido noutros tempos. Agora não era mais que um quarto completamente funcional, e já que a cama e o armário de Neville ocupavam tão pouco espaço, tinha convertido o resto do quarto numa oficina.

Um longo banco de trabalho ocupava quase uma parede inteira, encontrando-se no seu tampo de madeira maciça uma serra mecânica, um tico-tico, um esmoril, e um torno de bancada. Por cima, na parede, prateleiras ao acaso com as ferramentas que Neville utilizava.

Tirou um martelo do banco e apanhou alguns pregos de uma das latas espalhadas. Voltou lá fora e pregou uma tábua à janela. Deitou os pregos que não usou para o entulho.

Deixou-se ficar por uns momentos no relvado da frente da casa olhando para baixo e para cima da Cimarron Street. Era um homem alto, com trinta e seis anos, de descendência anglo-germânica, as suas feições discretas à excepção da boca longa e decidida e os olhos de um azul brilhante, que se moviam agora na direcção dos escombros das casas queimadas de cada lado da sua propriedade. Ele tinha-as incendiado para impedir que *eles* saltassem dos telhados adjacentes para o seu.

Após alguns minutos, respirou lenta e profundamente e voltou para dentro. Mandou o martelo para o sofá da sala, acendeu outro cigarro e tomou a sua bebida do meio da manhã.

Depois arrastou-se até à cozinha para tratar do lixo acumulado na pia durante cinco dias. Ele sabia que devia queimar os pratos de papel e os utensílios também, que devia limpar o pó dos móveis e lavar as pias e a banheira e a casa de banho, mudar a roupa da cama; mas não lhe apetecia.

Porque era homem e estava sozinho e estas coisas não tinham nenhuma importância para ele.

ERA QUASE MEIO-DIA. Robert Neville estava na estufa a colher um cesto de alhos.

Ao princípio ficava maldisposto quando cheirava toda esta quantidade de alho; o seu estômago andava sempre às voltas. Agora o cheiro estava por toda a casa, na sua roupa, e muitas vezes na sua pele. Ele já não dava por isso.

Quando tinha cabeças de alho suficientes, regressou a casa e despejou-as no tampo da pia da cozinha. Carregou no interruptor, a luz tremeu, mas, depois, acendeu-se com normalidade. Um sopro de raiva escapou-se-lhe por entre os dentes. O gerador estava maluco outra vez. Ele teria que encontrar novamente o livro de instruções vez e verificar as ligações. E, se desse muito trabalho a reparar, teria que instalar um novo gerador.

Furioso, pegou num banco alto, agarrou numa faca e sentou-se ao pé da pia com um grunhido cansado.

Primeiro separava as cabeças, retirando os dentes dos alhos. De-

pois cortava os dentes rosados e carnudos em dois, expondo os rebentos malcheirosos. O ar ficava pesado com o odor pungente e másculo. Quando se tornava insuportável, ele ligava o aparelho de ar condicionado que sugava a maior parte do fedor.

Tinha alcançado agora, de uma das prateleiras, um picador de gelo. Furava com este cada metade dos dentes do alho e atava-os com fio até ter cerca de vinte e cinco colares.

No início tinha pendurado os colares nas janelas. Mas lá de fora eles atiravam pedras e ele via-se forçado a reforçar as portadas com placas de pladur. Até que um dia tirou essas placas todas e pregou filas de tábuas a todo o comprimento. Tinha tornado a casa ainda mais sepulcral, mas sempre era melhor do que ter pedras a voarem lá de fora para o quarto numa explosão de vidro partido. E, desde que instalara os três aparelhos de ar condicionado, não era assim tão mau. Um homem habituava-se a tudo quando havia necessidade disso.

Quando acabou de enfiar os colares de alho no fio, foi lá fora pendurá-los por fora das tábuas que emparedavam as janelas, tirando as fiadas velhas, que tinham perdido quase todo o seu forte odor.

Fazia isto duas vezes por semana. Até que encontrasse algo melhor, esta era a sua primeira linha de defesa.

Defesa? repetia muitas vezes. Para quê?

Passou a tarde a fazer estacas.

Escolhia os pinos, aplanava-os, cortava-os e serrava-os até terem vinte centímetros. Depois afiava-os na pedra até que estivessem como facas.

Era um trabalho monótono e cansativo, e enchia o ar de pó de madeira quente que se alojava nos seus poros e chegava aos seus pulmões fazendo-o tossir.

Mas parecia que nunca eram suficientes. Por mais que fizesse, elas desapareciam rapidamente. Os pinos também escasseavam. No futuro, provavelmente teria de cortar rectângulos de madeira no torno para lhe dar a forma necessária. Não vai ser tão divertido? pensou irritadíssimo.

Era tudo muito deprimente e ele teria de pensar numa maneira melhor de se livrar deles. Mas como poderia ele encontrá-la se eles nunca lhe davam uma oportunidade para acalmar e pensar um pouco?

Enquanto trabalhava, ouvia discos na aparelhagem que tinha montado no quarto – a Terceira, Sétima e Nona Sinfonias de Beethoven. Congratulava-se por, graças à sua mãe, desde muito cedo ter aprendido a apreciar este tipo de música. Ajudava-o a preencher o terrível vazio das horas.

A partir das quatro da tarde, olhava continuamente para o relógio da parede. Trabalhava em silêncio, os seus lábios firmes numa linha dura, um cigarro ao canto da boca, olhando para a lâmina que despedaçava a madeira enviando pó espesso para o chão.

Quatro e um quarto. Quatro e meia. Cinco menos um quarto.

Numa hora, eles cercariam a casa outra vez, os filhos da puta. Assim que a luz se fosse.

ESTAVA PARADO DIANTE DO FRIGORÍFICO GIGANTE, escolhendo o jantar.

Os seus olhos cansados iam das pilhas de carne até abaixo, aos vegetais congelados, e mais abaixo até ao pão e bolos, frutas e gelado.

Escolheu duas costeletas de borrego, feijão e uma caixa de sherbet de laranja. Tirou as coisas de dentro do frigorífico e fechou-o com o cotovelo.

A seguir dirigiu-se à pilha desalinhada de latas que ia até ao tecto. Tirou uma lata de sumo de tomate, e deixou o quarto que pertencera a Kathy e agora era pertença do seu estômago.

Passou lentamente através da sala, olhando para a pintura que cobria a parede de trás. Mostrava um penhasco, adentrando o oceano azul e verde que se insurgia e se despenhava nas rochas negras. Longe, no céu azul sem nuvens, gaivotas brancas flutuavam no vento, e à direita, uma árvore retorcida pairava sobre o precipício, as suas folhas negras recortadas contra o céu.

Neville caminhou até à cozinha e largou as mercearias sobre a mesa, os seus olhos atentos ao relógio. Faltavam vinte minutos para as seis. A qualquer momento agora.

Deitou um pouco de água numa panela pequena e deixou-a cair sobre o bico do fogão. Descongelou as costeletas e meteu-as no assador. A água fervia já e ele deitou o feijão congelado lá para dentro e tapou a panela, pensando com os seus botões que talvez fosse o fogão eléctrico que estava a dar cabo do gerador.

Na mesa cortou duas fatias de pão e serviu-se de sumo de tomate. Sentou-se e olhou para o ponteiro dos minutos que percorria lentamente a superfície do relógio. Os cabrões deviam estar a chegar.

Quando acabou o sumo de tomate, foi até à porta da rua e saiu para o alpendre. Caminhou até ao relvado e avançou até ao passeio.

O céu escurecia e estava a ficar frio. Olhou para cima e para baixo da Cimarron Street, a brisa fria implicando com o seu cabelo louro. É isto que está errado com estes dias de nuvens; nunca sabes quando eles vêm.

Ora, bolas, ao menos sempre eram melhores do que as tempestades de areia. Encolhendo os ombros, regressou a casa passando o relvado e entrou, trancando e barricando a porta, encaixando a barra de ferro na calha. Voltou à cozinha, virou as costeletas, e apagou o lume em que cozia o feijão.

Estava a pôr a comida no prato quando parou de repente e olhou para o relógio. Seis e vinte cinco. Ben Cortman gritava.

“Vem cá para fora, Neville!”

Robert Neville sentou-se e, suspirando, começou a comer.

ESTAVA NA SALA, A TENTAR LER. Tinha preparado um *whisky*-soda no pequeno bar e segurava o copo frio enquanto lia um texto sobre fisiologia. Das colunas em cima da porta do hall, saía, alta, a música de Schönberg.

Não o suficiente, pensava. Ainda os conseguia ouvir lá fora, o seu murmurar e os seus passos em volta, e os seus gritos, os seus grunhidos e as lutas entre eles próprios. De vez em quando uma pedra ou tijolo embatia fora da casa. Por vezes, um cão ladrava.

Estavam lá todos pela mesma razão.

Robert Neville fechou os olhos por momentos e firmou os lábios numa linha apertada. Abriu então os olhos e acendeu outro cigarro, deixando o fumo entrar-lhe profundamente nos pulmões.

Desejou ter tido tempo para pôr a casa à prova de som. Não seria tão mau se não tivesse que ouvi-los. Mesmo depois de cinco meses, ainda o irritavam.

Já não os observava. Logo de início tinha feito um óculo na janela da frente para os ver. Mas as mulheres tinham-no topado e começaram a fazer poses obscenas para o incitar a sair da casa. Ele não queria ver aquilo.

Pousou o livro e olhou sumido para o tapete, ouvindo a *Verklarte Nacht* tocar na coluna. Sabia que podia pôr tampões nos ouvidos para calar os sons deles, mas isso também abafaria a música, e ele não queria sentir que eles o tinham forçado a viver numa concha.

Fechou os olhos outra vez. Eram as mulheres que tornavam tudo mais complicado, pensou, as mulheres em pose de marionetas obscenas na noite esperando que ele as visse e fosse lá para fora.

Um arrepio percorreu-o. Todas as noites a mesma coisa. Lia e ouvia música. Depois pensava em pôr a casa à prova de som, depois pensava sobre as mulheres.

Fundo no corpo, o calor enrolado começava outra vez, e ele pressionava os lábios até ficarem brancos. Conhecia demasiadamente bem esta sensação e enraivecia-o não poder combatê-la. Crescia e crescia até

não conseguir estar mais tempo sentado. Levantava-se e caminhava pela casa, com os punhos sem pinga de sangue ao lado do corpo. Montaria, talvez, o projector para ver um filme ou comeria algo ou beberia demasiado ou poria a música cada vez mais alta até lhe doerem os ouvidos. Ele tinha de fazer alguma coisa quando aquilo se tornava impossível.

Sentiu os abdominais a contraírem-se como uma corda enrolada. Pegou no livro e tentou ler, os lábios formando cada palavra lenta e dolorosamente.

Mas passado um segundo, o livro estava no colo outra vez. Olhou para a estante dos livros mesmo à sua frente. Todo o conhecimento contido naqueles livros era insuficiente para extinguir os fogos dentro dele; todos aqueles séculos de palavras incapazes de pôr um fim ao desejo ardente da sua carne.

Esta conclusão fê-lo sentir-se doente. Ofendia um homem. Tudo bem, era um impulso natural, mas já não havia solução para ele. Eles tinham-no forçado ao celibato; tinha de viver com isso. Tens um cérebro, não tens? perguntou-se. Então, usa-o!

Debruçou-se e pôs a música ainda mais alta, depois forçou-se a ler uma página inteira sem parar. Estava a ler sobre as células do sangue se deslocarem através de membranas, acerca da linfa pálida que carregava as impurezas através de vasos bloqueados por nódulos linfáticos, acerca de linfócitos e placas fágicas.

“...para esvaziar, na região esquerda do ombro, próxima do tórax, para dentro de uma veia grande do sistema circulatório.”

Fechou o livro com estrondo.

Porque é que não o deixavam em paz? Pensavam eles que todos teriam uma parte dele? Eram assim tão estúpidos que pensassem isso? Porque é que voltavam todas as noites? Passados cinco meses, pensava que já teriam desistido e ido bater a outra porta.

Foi até ao bar e preparou outra bebida. Quando se virou para voltar à cadeira, ouviu pedras rolares pelo telhado abaixo até caírem com estrondo nos arbustos nas traseiras da casa. Mais alto que o barulho, ouviu Ben Cortman gritar como sempre gritava.

“Vem cá para fora, Neville!”

Um dia apanho este cabrão, pensou enquanto engolia num fôlego a bebida amarga. Um dia enfio-lhe uma estaca no filha da puta do peito. Vou fazer uma bem comprida só para ele, uma especial com fitinhas de lado, o cabrão.

Amanhã. Amanhã poria a casa à prova de som. A mão fechou-se num punhode nós brancos. Não aguentava mais pensar nas mulheres. Se não as ouvisse, talvez não pensasse nelas. Amanhã. Amanhã.

A música acabou e ele tirou a pilha de discos do gira-discos e arrumou-os de novo nas suas capas de cartão. Agora ainda os ouvia melhor lá fora. Apanhou o primeiro disco que lhe veio à mão e colocou-o no gira-discos aumentando o volume para o máximo.

“O Ano da Praga”, de Roger Leie, encheu-lhe os ouvidos. Violinos arranhavam e uivavam, tímpanos ribombavam como as batidas de um coração que morre, flautas tocavam melodias estranhas, sem tom.

Num ginete de raiva, agarrou no disco e partiu-o no joelho direito. Já queria tê-lo partido há mais tempo. Caminhou rigidamente até à cozinha e deitou os pedaços no lixo. Deixou-se ficar na cozinha escura, olhos bem fechados, dentes a ranger, mãos a taparem os ouvidos. Deixem-me em paz, deixem-me em paz, deixem-me em paz!

Era inútil, não os conseguia vencer à noite. Não valia a pena tentar; era o tempo deles. Ele estava a ser muito estúpido, ao tentar vencê-los. E que tal se visse um filme? Não, não lhe apetecia montar o projector. Ia mas é para a cama e enfiaria tampões nos ouvidos. De qualquer modo, era o que fazia todas as noites.

Rapidamente, tentando não pensar, foi para o quarto e despiu-se. Vestiu as calças de pijama e foi à casa de banho. Nunca usava a parte de cima do pijama; era um hábito adquirido no Panamá aquando da guerra.

Enquanto se lavava, olhou para o espelho e viu o seu peito largo, os pêlos negros circundando os mamilos e pelo esterno abaixo. Olhou para a cruz trabalhada que tinha tatuado no peito numa noite de bebedeira no Panamá. Era doido nessa altura! pensou ele. Bem, talvez aquilo lhe tivesse salvado a vida.

Escovou os dentes com cuidado e limpou-os com fio dental. Tentava tratar bem dos dentes porque agora era o seu próprio dentista. Estava-se a lixar para outras coisas, mas não para a sua saúde. Então porque é que não deixas de te encher de álcool? E tu, porque é que tu não estás mas é calado?

Percorreu a casa, apagando as luzes. Durante alguns minutos olhou para a parede pintada e tentou acreditar que era mesmo o oceano. Mas como podia fazer isso com todos os encontrões e arranhanços, com todos os uivos e os grunhidos e gritos lá fora na noite?

Apagou a luz da sala e foi para o quarto.

Deixou escapar um lamento quando viu a cama coberta de seradura. Sacudiu a cama com a mão, a pensar que tinha de construir uma divisão entre a oficina e onde dormia no quarto. Tenho de fazer isto, tenho de fazer aquilo, pensou aborrecido. Havia tanta merda para fazer, que nunca resolveria o seu verdadeiro problema.

Meteu os tampões e um silêncio grande envolveu-o. Apagou a luz e enfiou-se dentro dos lençóis. Olhou para o relógio fluorescente e viu que só passavam dez minutos das dez. Tudo bem. Assim podia começar cedo.

Deixou-se estar deitado a respirar profundamente na escuridão, esperando que o sono chegasse. Mas o silêncio não ajudava. Ainda os conseguia ver lá fora, os homens de cara branca a rondarem-lhe a casa, sempre à procura de uma maneira de o apanharem. Alguns deles, provavelmente, de gatas como cães, os olhos brilhantes observando a casa, os dentes juntando-se num ranger; de trás para a frente, de trás para a frente.

E as mulheres...

Tinha de ter começado a pensar nelas outra vez? Virou-se de barriga para baixo praguejando e empurrou a cara contra a almofada quente. Deixou-se ficar assim, respirando pesadamente, o corpo contorcendo-se um pouco dentro dos lençóis. Nunca mais é manhã. A sua mente ecoou as palavras que dizia todas as noites. Meu Deus, nunca mais é manhã.

Sonhou com a Virgínia e gritou durante o sono, os seus dedos como garras puxando os lençóis.

Segundo Capítulo

O DESPERTADOR DISPAROU ERAM CINCO E MEIA, e na bruma da manhã, Robert Neville esticou o braço dormente e fê-lo parar.

Alcançou os cigarros e acendeu um, sentando-se. Passados alguns momentos, levantou-se e caminhou até à sala escura e espreitou pelo óculo.

Lá fora, no relvado, as figuras sombrias pareciam soldados de guarda. Enquanto observava, alguns começaram a ir-se embora, e ele ouviu-os resmungar entre eles, descontentes. Tinha acabado outra noite.

Voltou ao quarto, acendeu a luz, e vestiu-se. Conforme enfiava a camisola, ouviu Ben Cortman a gritar “Vem cá para fora, Neville!”

E acabou. Depois disso, todos se foram embora mais fracos, tinha a certeza, do que quando tinham chegado. A menos que tivessem atacado um dos seus. Faziam-no com frequência. Não existia camaradagem entre eles. O seu desejo era a única coisa que os guiava.

Depois de vestido, Neville sentou-se na cama com um grunhido e fez uma lista a lápis das tarefas e coisas para esse dia:

Um torno mecânico na Sears

Água

Verificar o gerador

Pinos de madeira

O habitual

O pequeno-almoço passou-se: um copo de sumo de laranja, metade de uma torrada, e duas chávenas de café. Acabou com tudo num instante, desejando que tivesse paciência para comer mais devagar.

Depois da refeição, deitou o prato e o copo de papel para o lixo e foi lavar os dentes. Pelo menos tenho um bom hábito, pensou como que consolando-se.

A primeira coisa que fez quando saiu foi observar o céu. Estava limpo, praticamente sem nuvens. Podia sair hoje. Porreiro.

Ao atravessar o alpendre, pontapeou alguns pedaços do espelho.

Bem, aquela porcaria tinha-se partido tal como ele tinha previsto. Varreria aquilo mais tarde.

Um dos corpos estava estendido no passeio; o outro estava meio escondido nos arbustos. Eram ambos de mulheres. Quase sempre eram mulheres.

Destrancou a garagem e fez marcha-atrás com a carrinha entrando no princípio da manhã estaladiça. Saiu e correu para baixo o portão das traseiras. Colocou as luvas pesadas e encaminhou-se para a mulher no passeio.

Não tinham nada de atractivo à luz do dia, concluiu, enquanto as arrastava pelo relvado e as lançava para a caixa aberta da carrinha. Não tinha restado uma gota nelas; ambas tinham a cor de um peixe fora de água. Levantou o portão e trancou-o.

Percorreu o relvado, apanhando algumas pedras e tijolos que enfiou num saco de serapilheira. Meteu o saco na carrinha e tirou as luvas. Entrou em casa, lavou as mãos, e arranjou o almoço: duas sandes, algumas bolachas, e um termo de café quente.

Quando acabou, foi até ao quarto buscar o saco das estacas. Atirou-o por cima das costas e fechou o gancho que prendia o seu macete. Saiu de casa, e trancou a porta.

Não estava para ir à procura de Ben Cortman nessa manhã; tinha mais que fazer. Ainda pensou em pôr a casa à prova de som como tinha decidido. Bem, que se lixasse, pensou. Faria isso amanhã ou noutra dia qualquer que estivesse nublado.

Entrou na carrinha e verificou a lista. “Um torno mecânico na Sears”; era a primeira coisa. Depois de despejar os corpos, claro.

Pôs a carrinha a trabalhar e recuou rapidamente até à estrada dirigindo-se à Compton Boulevard. Aí virou à direita e foi para leste. Em ambos os lados da rua, as casas mantinham-se em silêncio, e os carros arrumados contra as sebes, vazios e avariados.

Os olhos de Robert Neville desviaram-se por um momento até ao mostrador do combustível. Ainda estava a meio depósito, mas já agora iria enchê-lo quando parasse na Western Avenue. Não fazia sentido usar a gasolina que tinha guardada na garagem a não ser quando precisasse mesmo.

Virou para a estação deserta e travou. Pegou num barril de gasolina e chupou até que o líquido cor de âmbar começasse a jorrar da abertura do barril para o cimento.

Verificou pneus, óleo, água, bateria. Tudo estava em boas condições. Normalmente era assim, porque ele tratava bem da carrinha. Se alguma vez se avariasse e ele não conseguisse voltar antes de o Sol se pôr...

Bem, de que servia preocupar-se com isso? Se acontecesse, pronto, acabava.

Continuou até Compton Boulevard, passou pelas gruas altas, através de Compton, através de todas as ruas silenciosas. Não se via ninguém em nenhum lado.

Mas Robert Neville sabia onde eles estavam.

O fogo ardia sempre. Enquanto o carrinha se aproximava, pôs as luvas e a máscara de gás olhando através da viseira para a névoa de fuligem que subia da terra. O terreno inteiro tinha sido escavado até se tornar uma vala comum gigante; isto em Junho de 1975.

Neville estacionou e saltou da carrinha, ansioso por acabar o trabalho rapidamente. Lançou o gancho e abriu a porta, retirando um dos corpos e arrastando-o até ao limite da vala. Manteve-se firme e empurrou-o.

O corpo rolou aos solavancos pela inclinação até que assentou em cima da grande pilha de brasas no fundo da vala.

Robert Neville respirou com dificuldade e apressou-se a voltar à carrinha. Sentia-se sempre a sufocar naquele sítio, apesar de ter a máscara de gás posta.

Arrastou o segundo corpo até à ponta da vala e empurrou-o. Depois de mandar o saco de pedras para o buraco, correu até à carrinha e arrancou com rapidez.

Depois de guiar quase dois quilómetros, tirou a máscara e as luvas e mandou-as para trás do assento. Abriu e fechou a boca para engolir golfadas de ar fresco. Tirou a garrafa do porta-luvas e bebeu um golo grande de *whisky* que queimava. Depois acendeu um cigarro e inalou profundamente. Por vezes tinha de ir todos os dias à pira durante semanas, e isso enojava-o sempre.

Algures lá em baixo estava Kathy.

A caminho de Inglewood, parou num supermercado para ir buscar água engarrafada.

Assim que entrou na loja silenciosa, o cheiro de comida estragada invadiu-lhe as narinas. Rapidamente pegou num carrinho e empurrou-o através das filas silenciosas e poeirentas; o cheiro pesado a podre obrigava-o a respirar pela boca, ficando-lhe nos dentes.

Encontrou as garrafas de água ao fundo, e ao mesmo tempo uma porta que conduzia a umas escadas. Colocou todas as garrafas no carrinho, e subiu. O dono do supermercado estaria por lá; podia então começar.

Eram dois. Na sala, deitada no sofá, uma mulher de cerca de trinta anos, vestida com um casaco de malha vermelho. O seu peito subia e

descia lentamente, os olhos fechados, deitada com as mãos unidas sobre o estômago.

As mãos de Robert sentiram o maço e a estaca.

Era sempre duro quando eles ainda estavam vivos; principalmente com as mulheres. Podia sentir o desejo inconsciente a regressar, retesando-lhe os músculos. Forçou-se a esquecê-lo. Era de loucos, não havia qualquer razão naquilo.

Ela não fez mais nenhum som além de um súbito, rouco inspirar. Entrou no quarto e ouviu um som parecido com o de água a correr. Que mais posso fazer? perguntou-se, porque ainda tinha de se convencer que esta era a coisa certa a fazer.

Parou à porta do quarto, especado a ver a pequena cama junto à janela, a sua garganta movendo-se, a respiração pesada no peito. Então, resoluto, foi até à cabaceira da cama e olhou para ela.

Porque é que se parecem todas com a Kathy?, pensou enfiando a segunda estaca com as mãos a tremer.

Conduzindo devagar até ao Sears, tentou esquecer-se do que ocorrera matutando porque é que só estacas de madeira pareciam funcionar.

Enrugou a testa enquanto guiava pela avenida deserta, sendo o único som o do motor abafado. Parecia-lhe incrível que tivesse levado cinco meses para se perguntar aquilo.

O que lhe trouxe outra questão à cabeça. Como é que conseguia sempre atingir o coração? Tinha que ser no coração, tinha-lhe dito o Dr. Busch. Mas ele, Neville, não tinha conhecimentos de anatomia.

A sua sobranalha enrugou-se. Irritava-o o facto de ter passado por todo aquele horrível processo tanto tempo sem ter parado sequer uma vez para se questionar.

Abanou a cabeça. Não, devia pensar naquilo com cuidado, devia reunir todas as perguntas antes de lhes tentar responder. As coisas deviam ser feitas da maneira certa, com ciência.

Pois, pois, pois, pensou, reminiscências do velho Fritz. Era esse o nome do seu pai. Neville desprezava o pai e lutou todos os momentos contra a aquisição da sua lógica e mecanicidade. O seu pai tinha morrido negando violentamente, até à última, a existência do vampiro.

Apanhou o torno no Sears, carregou-o para a carrinha, e começou a revistar a loja.

Encontrou cinco na cave, escondidos nas sombras de diferentes sítios. Um deles estava numa montra frigorífica. Quando viu o homem deitado naquele improvável caixão, teve de se rir; era um sítio bem curioso para um esconderijo.

Mais tarde pensou que raio de mundo sem humor quando se acha piada a uma cena daquelas.

Eram duas da tarde quando estacionou e almoçou. Tudo lhe sabia a alho.

E com isso pôs-se a matutar sobre o efeito que o alho tinha nas criaturas. Devia ser o cheiro que os afugentava, mas porquê?

Eram estranhos, os factos sobre eles: ficarem de dia em casa, evitarem o alho, morrerem com as estacas, o seu medo célebre de cruzes, o seu suposto terror a espelhos.

Por exemplo, este último. De acordo com a lenda, eles não eram reflectidos pelos espelhos, mas ele sabia que isto era falso. Tão falso quanto a crença de que se transformavam em morcegos. Esta era uma superstição da qual a lógica e a observação se tinham descartado facilmente. Também era idiota pensar-se que eles se transformavam em lobos. Sem dúvida que existiam cães vampiros; ele tinha-os visto e ouvido lá fora à noite. Mas eram apenas cães.

Robert Neville repuxou os lábios de repente. Esquece, ordenou a si próprio; ainda não estás pronto. Virá o tempo em que te debruçarás sobre tudo isso, detalhe por detalhe, mas não agora. Há muita coisa com que te preocupares.

Depois do almoço, andou de casa em casa e usou todas as estacas que tinha levado consigo. Eram quarenta e sete.

Terceiro Capítulo

“**A** FORÇA DO VAMPIRO VEM DO FACTO de ninguém acreditar nele.”
Muito *obrigado*, Dr. Van Helsing, pensou enquanto pou-
sava a sua cópia do “Drácula”. Estava sentado olhando melan-
colicamente para a estante dos livros, ouvindo o segundo concerto para
piano de Brahms, um *whisky sour* na sua mão direita, um cigarro nos
lábios.

Era verdade. O livro era uma mistela de superstições e clichés ro-
manescos, mas aquela frase era verdadeira; ninguém tinha acreditado
neles, e como poderia alguém lutar contra algo em que não acreditava?

Era isso que se tinha passado. Algo negro e nocturno tinha sido
arrastado da Idade Média. Algo sem credibilidade ou sentido, algo que
tinha sido confinado, factó e figura, às páginas da literatura de ficção.
Os Vampiros tinham passado de moda, eram idílios de Verão ou melo-
dramas de Stoker ou uma breve referência na Brittanica ou manancial
para escritores de *pulp* ou material de filmes de série B. Uma lenda ténue
através dos séculos.

Bem, era verdade.

Bebeu um golo da sua bebida e fechou os olhos para deixar o lí-
quido frio escorregar pela garganta e aquecer-lhe o estômago. Verdade,
pensou, mas nunca ninguém teve a oportunidade de o saber. Oh, eles
sabiam que se passava alguma coisa, mas não, não podia ser *isso*. Era
imaginação, superstição, não existia nada como *aquilo*.

E, antes de a ciência alinhar o passo com a lenda, a lenda tinha en-
golido a ciência e tudo o resto.

Não tinha encontrado pernas de mesa hoje. Não tinha visto o ge-
rador. Não tinha varrido os pedaços do espelho. Não tinha ceado; tinha
perdido o apetite. Acontecia muito. Ele perdia o apetite a maior parte das
vezes. Não podia fazer o que fazia durante as tardes para depois chegar a
casa e comer uma refeição régia. Nem depois de cinco meses.

Pensou nas onze — perdão, nas doze crianças da tarde, e acabou a
bebida de um fôlego.

Piscou os olhos e o quarto ondulou à sua frente. Estás a ficar gro-
gue, paizinho, disse a si mesmo. E então? Não tenho direito?

Atirou o livro para o outro lado da sala. Vai-te daqui, Van Helsing e Mina e Jonathan e Conde dos olhos injectados de sangue e todos vós! Todos maquinações, todos extrapolações difusas de um tema sombrio.

Um catarro soluçado saiu-lhe da garganta. Lá fora, Ben Cortman chamava-o para sair. Vou já, Benny. Deixa-me só vestir o smoking.

Tremeu e rangeu os dentes. Vou já. Porque não? *Porque* é que não saio? Era da maneira que se livraria deles pela certa.

Ser como eles.

Engasgou-se perante a simplicidade do pensamento, ergueu-se e foi atabalhoadamente até ao bar. Porque não? Cismou naquilo. Para quê ter de passar por tudo isto quando uma porta aberta e uns quantos passos poriam fim a tudo?

Pela sua vida, não sabia. Havia, claro, a ténue possibilidade que existissem outros como ele algures, tentando levar a vida, na esperança de um dia se encontrarem de novo entre os da sua espécie. Mas como poderia ele encontrá-los se eles não estivessem pelo menos a um dia de viagem de sua casa?

Encolheu os ombros e deitou mais *whisky* no copo; tinha desistido de usar doseadores havia meses. Alho nas janelas e redes por cima da estufa, e queimar os corpos e carregar as pedras com ele e, milímetro a milímetro, reduzir o seu profano número. Quem é que ele estava a enganar? Nunca iria encontrar ninguém.

Deixou cair o corpo como um peso morto na cadeira. Pois então aqui estamos, foliões, sentados como uma barata num tapete, rançosos, cercados por um batalhão de sugadores de sangue que não querem mais nada do que chupar livremente do meu sangue certificado, da minha puríssima hemoglobina. Bebe um copo meu, este é mesmo à minha conta.

A sua cara torceu-se numa expressão de fúria e ódio inqualificáveis. Filhos da puta! Hei-de matá-los a todos, cabrões, antes de ceder! A sua mão direita fechou-se como uma garra e o copo estalou com o aperto.

Olhou para baixo, com o olhar embargado, e viu os fragmentos no chão, viu o vidro desfeito ainda na mão, viu o sangue diluído no *whisky* a pingar da mão.

Não quereriam eles um bocadinho? Avançou com fúria e quase que abria a porta para lhes exhibir a mão sangrenta e os ouvir uivar.

Fechou os olhos e um arrepio percorreu-lhe o corpo. Acalma-te amigo. Vai ligar a porcaria da mão.

Cambaleou até à casa de banho e lavou a mão com cuidado, tossindo ao meter tintura de iodo na ferida aberta. Atrapalhado, ligou a mão, o seu peito largo movimentando-se para cima e para baixo com movimentos convulsivos, suor a escorrer-lhe da testa. Preciso de um cigarro.

Voltou à sala, e trocou Brahms por Bernstein, acendendo um cigarro. O que é que vou fazer se me acabarem estes pregos para o caixão? perguntou-se, olhando para o rasto azul do fumo. Bem, não há muitas hipóteses de isso acontecer. Tinha para aí uns mil maços no armário de Kathy –

Apertou os dentes uns contra os outros. No armário da dispensa, *da dispensa, da dispensa.*

O quarto de Kathy.

Sentou-se a olhar absorto para o mural enquanto “A idade da Ansiedade” lhe ressoava nos ouvidos. Idade da ansiedade, sorriu. Pensavas que eras ansioso, Lenny, meu rapaz. Lenny e Benny; vocês deviam conhecer-se. Compositor, apresento-lhe O cadáver. Mãezinha, quando eu crescer, quero ser um *bampiro* como o Papá. Oh, Deus te abençoe, meu filho, é claro que vais ser.

O *whisky* agitava-se no copo. Sentiu uma pequena dor na mão e mudou a garrafa para a esquerda.

Sentou-se e bebeu. Fazei com que a sobriedade se vá. Fazei com que a visão equilibrada e clara se extinga, mas vá, depressa. Odeio-as.

Aos poucos a sala começou a girar e a rodar e a ondular à volta da sua cadeira. Uma névoa agradável, gasosa nos contornos, arrebatou-lhe a vista. Olhou para o copo, para o gira-discos. Deixou a cabeça cair de um lado para o outro. Lá fora eles esperavam e murmuravam e vagueavam.

Pobres vampiros, pobres malditos, em pontas de pés à volta da minha casa, tão sedentos, tão desamparados.

Veio-lhe uma ideia. Ergueu um dedo, agitando-o à frente dos olhos.

Amigos, estou aqui perante vós para discutirmos o vampiro; uma minoria, se é que alguma vez existiu, e terá existido.

Mas deixem-me precisar: irei esquematizar para vós o fundamento da minha tese que é: há preconceito contra os Vampiros.

‘A pedra de toque para o preconceito contra esta minoria é: desprezamo-los porque os tememos. Daí...’

Preparou outra bebida. Mais cheia.

Houve uma época, a Idade da Escuridão, a Idade Média para ser exacto, em que o poder do Vampiro era grande, o medo em relação a ele tremendo. Era anátema e permaneceu anátema. A sociedade odeia-o sem explicação.

Mas são as necessidades do vampiro diferentes das de qualquer outro ser? São os seus feitos mais horrendos do que aqueles do pai que sugou o espírito do seu filho? O vampiro pode suscitar batimentos car-

díacos acelerados e pôr cabelos em pé. Mas é ele pior do que o pai que ofereceu à sociedade o filho neurótico que se viria a tornar num político? É pior do que o industrial que cria fundações duvidosas com o dinheiro que fez com a venda de bombas aos nacionalistas suicidas? Pior do que o produtor de vinhos que vendeu mosto marado de modo a esvaziar ainda mais os cérebros daqueles que, sóbrios, já não conseguiam articular uma ideia? (não, desculpem-me esta calúnia; belisco a casta que me alimenta.) Pior do que, por exemplo, o editor que encheu prateleiras imensas com desejos de bestialidade e morte? Não, a sério, busquem nas vossas almas, meus queridos – é assim tão mau o vampiro?

Tudo o que faz é beber sangue.

Então, porquê este preconceito injusto, este juízo sem sentido? Porque não pode o vampiro viver onde escolheu viver? Porque tem ele de procurar sítios onde não o encontrem? Porque desejam a sua destruição? Ah! Vêem como tornaram um inocente num animal acochado? Ele não tem meios de subsistência, não tem como chegar a uma educação apropriada, não tem direito ao privilégio de votar. Não admira que procure uma existência nocturna e predadora.

Robert Neville resmungou. Pois, pois, ironizou, mas deixavas a tua irmã casar com um?

Abanou os ombros. Agora apanhaste-me, amigo, com essa é que me apanhaste.

A MÚSICA PAROU. A agulha arranhava para trás e para diante. Ele deixou-se estar sentado, sentindo um frio que lhe subia pernas acima. Era o que acontecia quando bebia de mais. Ficava imune ao prazer da bebedeira. O álcool não confortava. Antes de ficar feliz, desmaiava. A sala já se começara a endireitar, os sons lá fora a insinuarem-se nos seus ouvidos.

“Vem cá para fora, Neville!”

A garganta mexeu e um sopro passou-lhe pelos lábios. Cá para fora. As mulheres estavam lá fora, os seus vestidos abertos ou despidos, a sua carne ansiosa pelo seu toque, os lábios esperando –

Pelo sangue, pelo meu *sangue!*

Como se fosse a mão de outra pessoa, ele viu-a subir, branca, a tremer, para se imobilizar na sua perna. A dor fê-lo inspirar o ar abafado da casa. Alho. Por toda a parte o cheiro do alho. Nas roupas e na mobília e na comida e até na sua bebida. Toma um alho com soda; a sua mente abanou à tentativa de humor.

Saiu da cadeira e começou a andar. O que é que vou fazer agora? A mesma rotina de sempre? Vou poupar-me disso. Ler-beber-casa-à prova

de som-as mulheres. As mulheres, ciosas, sedentas de sangue, mulheres nuas exibindo-me os seus corpos quentes. Não, quentes não.

Um lamento subiu-lhe pelo peito e garganta. Raios os partam, de que é que eles estão à espera? Eles acham mesmo que eu ia lá fora entregar-me a eles?

Talvez o faça, talvez o faça. Já estava até a tirar a tranca da porta. Meninas, aqui vou eu, aqui vou eu. Molhem os lábios.

Lá fora, eles ouviram a tranca a levantar, e um uivo de antecipação ecoou na noite.

Voltando-se, virou os punhos para a parede, um após o outro batendo na parede até que furou o pladur, rebentando a pele. Ficou ali a tremer desconsoladamente, com os dentes a baterem.

Passado um bocado acalmou. Tornou a pôr a tranca na porta e foi para o quarto. Afundou-se na cama e caiu na almofada com um gemido. A sua mão esquerda golpeou, febril, a cobertura da cama.

Até quando, meu Deus, até quando?

Quarto Capítulo

O DESPERTADOR NUNCA CHEGOU A DISPARAR porque ele tinha-se esquecido de o ligar. Dormiu profundamente, sem se mexer, o corpo como ferro. Quando finalmente abriu os olhos, eram dez da manhã.

Resmungando, lutou para se levantar e deixou cair as pernas para o lado da cama. Nesse instante, a cabeça começou a massacrá-lo, parecia que os miolos queriam furar-lhe o crânio. Porreiro, uma ressaca. Mesmo o que eu precisava.

Forçou-se a sair gemendo e cambaleou até à casa de banho, borrifou a cara com água e despejou alguma na cabeça. Nada, queixou-se, não adianta. Ainda me sinto na merda. O espelho reflectia a sua cara descaveirada, barba por fazer, parecia um homem já de quarenta. Amor, o teu feitiço por toda a parte; questões confusas voavam-lhe no cérebro como lençóis estendidos ao vento.

Arrastou-se lentamente até à sala e abriu a porta. Um palavrão escapou-lhe da boca quando viu a mulher estropiada no passeio. Começou a contrair o corpo, zangado, mas a cabeça latejava e parou. Estou doente.

O céu estava imóvel e cinzento. Que bom! Outro dia fechado na ratoeira! Bateu a porta com violência, e praguejou assustado com o barulho que lhe entrou no cérebro. O que restava do espelho caiu, indo partir-se no cimento lá fora. Oh, *porreiro!* Os seus lábios contorceram-se deixando aparecer o branco da carne.

Duas chávenas de café a ferver só o fizeram sentir-se pior do estômago. Pousou a chávena e dirigiu-se para a sala. Que se lixe, pensou, vou embebedar-me outra vez.

Mas a bebida sabia a diluente, e com um gesto súbito, arremessou o copo contra a parede e deixou-se ficar a ver o líquido escorrer para o tapete. Chiça, estou a ficar com falta de copos. Este pensamento irritou-o, o ar lutava para entrar nas suas narinas e saía transformado em soluços.

Afundou-se no sofá e deixou-se ficar, abanando a cabeça lentamente. Era inútil; os filhos da puta tinham-no quebrado; aqueles cabrões grotescos tinham vencido.

A inquietude voltou; sentia como se ele crescesse e a casa dimi-

nuisse e a qualquer momento ele fosse estilhaçar-se numa explosão de madeira, pladur, e tijolo. Levantou-se e dirigiu-se à porta, as mãos tremiam-lhe.

No relvado, ficou quieto a engolir grandes golfadas do ar húmido da manhã, a cara virada para o outro lado, para não ver a casa que odiava. Mas também odiava todas as outras casas, e odiava o passeio e odiava a estrada e os relvados e tudo quanto havia naquela Cimarron Street.

O sentimento intensificava-se. E de repente apercebeu-se de que tinha de sair dali. Com nuvens ou sem nuvens, tinha de sair dali.

Trancou a porta da frente, destrancou a garagem, e pendurou a porta maciça nos ganchos em cima. Não se preocupou sequer em descer a porta. Voltaria cedo. Não ia demorar nada.

Fez marcha-atrás até à estrada, deu meia volta à carrinha, e carregou a fundo no acelerador, a caminho da Hampton Boulevard. Ia sem rumo.

Dobrou a esquina a oitenta e antes de chegar ao outro quarteirão já ia a cento e vinte. A carrinha saltava à sua frente e ele continuava prego a fundo, pressionado por uma perna completamente endurecida.

A cento e cinquenta à hora, ele batia a avenida sem vida, vazia, o rugido do motor quebrando o silêncio absoluto.

As coisas dispersas e espalhadas na Natureza apenas a possuem, pensava ele enquanto caminhava lentamente pela relva do cemitério.

As ervas estavam tão altas que se abatiam sobre o seu próprio peso e estalavam debaixo das suas botas enquanto ele caminhava. Não se ouvia nenhum som à excepção do das suas botas e o agora absurdo canto dos pássaros. Outrora cantavam porque estava tudo bem com o mundo. Agora reconheço o quanto estava enganado. Eles cantam porque estão doidos.

Tinha percorrido dez quilómetros, o acelerador pregado, antes de se ter apercebido para onde ia. Era bizarro que tanto a sua mente como o seu corpo o tivessem ocultado à sua consciência. Na verdade, só sabia que estava doente e deprimido e que tinha de sair dali da casa. Não sabia que iria visitar a Virgínia.

Mas tinha conduzido até ali sem hesitar e tão rapidamente quanto pudera. Estacionou no parque e passou o portão enferrujado, e agora caminhava através da espessa relva.

Quanto tempo tinha passado desde a última vez que aqui viera? Pelo menos um mês. Arrependia-se de não ter trazido flores mas, enfim, ele não sabia que vinha para aqui quase até chegar ao pé do portão.

Os seus lábios apertaram-se quando uma mágoa antiga se apoderou dele. Porque é que a Kathy não estava ali também? Porque é que ele

tinha seguido cegamente as regras, porque dera ouvidos àqueles idiotas que tinham inventado todas aquelas regras estúpidas durante a peste? Se ela pudesse estar ali, deitada junto à mãe.

Não comeces, ordenou a si próprio.

Ao aproximar-se da porta da capela, ficou tenso quando se apercebeu que a porta de ferro estava ligeiramente aberta. Não! Começou a correr pela relva molhada. Se eles a apanharam, juro, queimo a cidade toda. Juro por Deus, reduzo a cidade a cinzas se eles lhe tocaram.

Empurrou a porta que bateu contra a parede de mármore emitindo um som oco, que repercutiu. Os seus olhos dirigiram-se rapidamente para a superfície de pedra onde se encontrava o caixão selado.

A tensão desapareceu de imediato; respirou fundo. Ainda lá estava o caixão, inviolado.

De súbito, já lá dentro, viu o homem deitado a um canto da capela, o corpo aninhado contra o chão frio.

Espumando de raiva, Robert Neville precipitou-se sobre o corpo e agarrando o casaco do homem como se tivesse tenazes, arrastou-o pelo chão e atirou-o com violência lá para fora para a relva. O corpo virou sobre si mesmo, a cara branca enfrentando o céu.

Robert Neville voltou à cripta, o peito subindo e descendo com movimentos bruscos. Fechou os olhos e permaneceu ali, descansando as mãos na tampa do caixão.

Estou aqui. Voltei. Recorda-me.

Deitou fora as flores que tinha trazido da última vez e afastou um pouco de folhas que tinham entrado por causa da porta aberta.

Sentou-se ao lado do caixão e encostou a testa ao metal frio.

O silêncio envolveu-o com as suas mãos frias e gentis.

Se pudesse morrer agora, pensou; pacificamente, gentilmente, sem medo ou gritos. Se pudesse estar com ela. Se eu conseguisse acreditar que estaria com ela.

Os dedos fecharam-se lentamente e a cabeça afundou-se no peito.

Virgínia. Leva-me para ao pé de ti.

Uma lágrima cristalina caiu-lhe pela mão imóvel...

Não fazia ideia de quanto tempo tinha ali ficado. Passado um tempo até a angústia mais profunda se desvanecia, até a dor mais lancinante perdia a sua lâmina aguçada. A maldição do flagelante, insensível até ao chicote.

Levantou-se e endireitou-se. Ainda estou vivo, concluiu, o coração bate sem sentido, o sangue corre nas veias sem destino, os ossos, músculos e cartilagens todos vivos e funcionais sem propósito algum.

Durante mais um minuto ficou-se a olhar para o caixão, depois

virou costas suspirando e foi-se dali, fechando a porta devagar para não incomodar o sono dela.

Tinha-se esquecido do homem. Quase tropeçou nele, mas desviou-se amaldiçoando-o com um palavrão e saltou por cima do corpo.

De repente, voltou-se.

O que é isto? Olhou sem poder crer para o homem. O homem estava morto; totalmente morto. Mas como podia ser? A mudança ocorrera tão rapidamente, mas, no entanto, o homem tinha o aspecto e cheirava como se tivesse morrido há dias.

A sua mente queimava de súbito entusiasmo. Algo tinha morto o vampiro; algo brutalmente eficiente. Não se tinha mexido no coração, não havia ali alho, e mesmo assim...

A revelação deu-se sem qualquer esforço aparente. Claro – a luz do dia!

Um raio de acusação a si próprio abateu-se sobre ele. Saber durante cinco meses que eles permaneciam em casa de dia e nunca, nem por uma vez, ligar as coisas! Fechou os olhos, desesperado perante a própria estupidez.

Os raios do Sol; os infravermelhos e ultravioletas. Tinha de ser. Mas porquê? Merda, como era possível ele não saber nada acerca dos efeitos do Sol no corpo humano?

Ainda mais: aquele homem era um dos vampiros verdadeiros; os mortos-vivos. Teria a luz do Sol o mesmo efeito naqueles que ainda estavam vivos?

O primeiro entusiasmo que sentia em meses fê-lo correr até à carrinha.

Enquanto a porta se fechava atrás de si, pensou se não teria sido melhor ter trazido o homem com ele. Iria o corpo atrair os outros, iriam eles invadir a cripta? Não, não conseguiriam aproximar-se do caixão; estava selado com alho. Além disso, o sangue do homem já não prestava...

De novo o seu pensamento sobressaltou-se quando ele chegou a outra conclusão. Os raios do Sol deviam fazer alguma coisa ao sangue deles.

Era possível que tudo se relacionasse com o sangue? O alho, as cruzes, os espelhos, as estacas, a luz do dia, a terra onde alguns deles dormiam? Não percebia como, mas...

Tinha que ler muito, fazer muita pesquisa. Se calhar era disso que precisava. Já planeava fazer isso há muito tempo, mas parecia tê-lo esquecido completamente nestes últimos tempos. Agora estas novas conclusões incentivavam-no.

Pôs a carrinha a trabalhar e acelerou rua fora, virando para uma rua residencial e encostando ao pé da primeira casa que apareceu.

Correu até à porta da frente, mas estava trancada e não a conseguiu abrir. Impaciente, correu até à casa seguinte. A porta estava aberta e subiu as escadas num ápice, galgando os degraus dois a dois.

Encontrou a mulher no quarto. Sem hesitar, puxou os lençóis e agarrou-a pelos pulsos. Ela grunhiu quando o seu corpo se estatelou no chão, e ele ouviu-a a fazer uns pequenos sons com a garganta à medida que a arrastava para o corredor e pelas escadas abaixo.

Ela começou a mexer-se quando ele a puxou pela sala fora.

As mãos dela agarraram-lhe nos pulsos e ela começou a torcer-se e a saltar de um lado para o outro no tapete. Os olhos dela permaneciam fechados mas ela gemia e murmurava tentando sempre livrar-se do aperto dele.

As suas unhas enegrecidas cravavam-se-lhe na carne. Ele livrou-se dela com um esticão e levou-a pelo cabelo o resto do caminho. Noutras circunstâncias sentia-se sempre mal quando se apercebia de que, algo que o afligia sem que ele compreendesse porquê, estas pessoas eram como ele. Mas agora uma febre experimental tinha tomado conta dele e não pensava em mais nada.

Mesmo assim, tremeu perante o som estrangulado e horrível que ela fez quando ele a mandou para o passeio.

Ela ficou ali a contorcer-se indefesa na calçada, as mãos a abrirem e fecharem, os lábios repuxados sobre a boca pintalgada de vermelho. Robert Neville, tenso, observava-a.

A sua garganta embargou-se. Não estava para durar este sentimento de brutalidade cruel. Mordeu os lábios enquanto olhava para ela. Tudo bem, ela sofre, mas ela é uma deles e matar-me-ia de bom grado se pudesse. Tens que ver as coisas assim, é a única maneira. Com os dentes cerrados, deixou-se estar a vê-la morrer.

Passados alguns minutos, ela imobilizou-se e parou de murmurar, as mãos desencarquilharam-se lentamente como algo branco a florescer no cimento. Robert Neville baixou-se e tomou-lhe o pulso. O coração já não batia. A carne começava já a arrefecer.

Endireitou-se sorrindo levemente. Afinal era verdade. Ele não precisava das estacas. Depois deste tempo todo, tinha finalmente descoberto um método melhor.

A respiração normalizou. Mas como poderia ele ter a certeza de que a mulher estava mesmo morta? Como podia ele saber sem esperar pelo pôr-do-sol?

Este pensamento invadiu-o com uma fúria ainda mais intensa.

Porque é que com cada resposta vinha uma pergunta que a destruía?

Pensava nisto sentado a beber uma lata de sumo de tomate que tinha tirado do supermercado onde estava estacionado.

Como é que ele poderia saber? Não podia propriamente ficar com a mulher até o Sol se pôr. Leva-a para casa, idiota.

Fechou os olhos outra vez e uma irritação percorreu-lhe todo o corpo. Não conseguia nem segurar-se às respostas mais óbvias hoje. Agora tinha de voltar para trás e descobri-la outra vez, quando já nem sequer tinha a certeza de onde ficava a casa.

Ligou a ignição e saiu do parque de estacionamento, olhando para o relógio. Três horas da tarde. Tinha muito tempo até que eles chegassem. Acelerou a carrinha e esta ganhou velocidade.

Levou cerca de meia hora para descobrir a casa outra vez. A mulher permanecia como tinha ficado no passeio. Pondo as luvas, Neville baixou a porta traseira da carrinha e caminhou até onde a mulher estava. Andando, reparou na sua silhueta. Não, não vou começar com isto outra vez, pelo amor de Deus.

Arrastou a mulher até à carrinha e meteu-a lá para dentro. Fechou a porta e tirou as luvas. Ergueu o pulso e consultou o relógio. Três horas da tarde. Tinha muito tempo até...

Abanou o relógio e encostou-o ao ouvido, o coração deu um pulo.

O relógio tinha parado.

Quinto Capítulo

OS SEUS DEDOS TREMIAM enquanto girava a chave na ignição. Agarrou-se ao volante com força e fez inversão de marcha começando a voltar para trás em direcção a Gardena.

Tinha sido tão estúpido! Devia ter levado para aí uma hora para chegar ao cemitério. Tinha estado dentro da cripta durante horas. Depois tinha ido à procura daquela mulher. Ir ao supermercado, beber o sumo do tomate, voltar para buscar a mulher.

Que horas seriam?

Idiota! Um medo frio percorria-lhe as veias quando pensava neles à sua espera à porta de casa. Meu Deus, tinha deixado a porta da garagem aberta! A gasolina, o equipamento – *o gerador!*

Um gemido engasgou-se na garganta, ele carregava no acelerador até ao fundo e a carrinha saltava, a agulha do velocímetro a subir, para cima dos cento e vinte, cento e trinta, cento e quarenta. E se eles já lá estivessem à espera dele? Como é que ele ia entrar em casa?

Obrigou-se a acalmar. Não podia ir-se abaixo agora; tinha que se manter firme. Entraria. Não te preocupes, vais entrar. Só não sabia como.

Passou uma mão nervosamente pelo cabelo. Tudo bem, está tudo bem, repetia para si próprio. Tanto trabalho para preservar a tua existência, e um dia não te lembras de voltar a horas. Pouco barulho! respondeu-lhe automaticamente a sua consciência. Mas de facto ele podia ter mesmo assinado a sua sentença de morte ao ter-se esquecido de dar corda ao relógio na noite anterior. Não te preocupes com isso, eles matar-te-ão de bom grado. De repente deu conta de como estava fraco. A quantidade ínfima de carne enlatada que tinha comido com o sumo de tomate não tinha sido suficiente para lhe matar a fome.

Voava pelas ruas silenciosas olhando sempre de um lado para o outro para ver se algum deles aparecia à porta das casas. Parecia que escurecia já, mas podia ser só a sua imaginação. Não podia ser assim tão tarde, não podia.

Tinha acabado de passar a alta velocidade a esquina da Compton com a Western quando viu o homem a sair de um edifício e gritar-lhe.

O seu coração contraiu-se como se estivesse dentro de uma mão gelada enquanto o grito do homem flutuava no ar atrás da carrinha.

Não conseguia que a carrinha andasse mais depressa. A sua mente começava agora a torturá-lo com visões de um pneu a furar, a carrinha a guinar, a saltar o lancil e a embater contra uma das casas. Os lábios começaram a tremer e ele fechou-os para fazer aquilo parar. As mãos no volante estavam dormentes.

Teve que abrandar na curva da Cimarron. Pelo canto do olho viu outro homem precipitar-se de dentro de uma casa e começar a perseguir a carrinha.

Virou outra vez fazendo os pneus chiarem e não conseguiu reprimir o susto.

Estavam todos à frente da sua casa, à espera.

Um gemido de terror encheu-lhe a garganta. Não queria morrer. Podia ter pensado nisso, até podia ter contemplado essa solução. Mas não queria morrer. *Assim* não.

Todos eles viraram a cara quando ouviram o som do motor. Alguns vieram a correr de dentro da garagem, os dentes de Neville cerraram-se com fúria perante a sua impotência. Que estupidez, que idiotice morrer assim!

Começaram a correr em direcção à carrinha, havia uma fila deles do outro lado da rua. De repente, soube que não podia parar. Carregou a fundo no pedal e num instante a carrinha foi para cima deles, derrubando-os como se fossem bonecos. A carrinha deu de si quando atingiu os corpos. As caras brancas assomavam-se à janela, os seus gritos gelavam-lhe o sangue.

Eles estavam agora mesmo atrás dele e pelo retrovisor ele via-os a persegui-lo. Um plano formou-se-lhe espontaneamente na cabeça e, num impulso, desacelerou, tendo até travado, deixando que a velocidade da carrinha caísse até aos sessenta, depois até aos cinquenta.

Olhou para trás e topou-os a agruparem-se, as suas caras cinzentas e brancas a aproximarem-se, os seus olhos sombrios fixos na carrinha, fixos *nele*.

Estremeceu de choque quando ouviu uma voz arranhada mesmo ao pé de si; virou a cabeça e viu a cara de Ben Cortman mesmo atrás da carrinha.

Instintivamente, carregou no pedal mas o outro pé saltou da embraiagem fazendo a carrinha engasgar-se violentamente e parar.

O suor corria-lhe pela testa enquanto ele se esforçava desesperadamente tentando chegar ao botão. Ben Cortman tentava alcançá-lo com as mãos.

Com um grito, afastou a mão fria de si.

“Neville, Neville!”

Ben Cortman insistia, as suas mãos pareciam garras esculpadas em gelo. Neville afastou-lhe a mão outra vez e carregou no botão, tremendo incontrolavelmente. Conseguia ouvi-los atrás dele, gritando, excitados, conforme se aproximavam da carrinha.

O motor arrancou outra vez ao mesmo tempo que as unhas compridas de Ben Cortman lhe rasgavam a bochecha.

“Neville!”

Com a dor, a mão apertou-se num punho rijo e ele esmurrou a cara de Cortman. Cortman caiu para trás para a estrada e a carrinha ganhava velocidade com as mudanças que Neville metia. Um dos outros alcançou a carrinha e saltou para a caixa. Segurou-se lá por momentos e Robert Neville conseguia ver a sua cara de cinzas brilhando demente na janelinha de trás. Guinou a carrinha, e com movimentos precisos, atirou o homem para fora da caixa. O homem rebolou por um relvado, os braços à frente do corpo, e embateu com violência na parede de uma casa.

O coração de Robert Neville batia com tanta força que parecia que lhe ia furar o peito. Faltava-lhe o ar e sentia-se frio e dormente. Conseguia sentir o sangue a correr-lhe pela cara mas não sentia dor. Decidido, limpou a cara com a mão a tremer.

Fez a curva e virou à direita. Alternava o olhar, constantemente, entre o retrovisor e a frente. Conduziu até ao quarteirão apertado da Haas Street e virou novamente à direita. E se eles lhe cortassem o caminho pelas vielas?

Abrandou até eles virem aos magotes virando a esquina, pareciam uma alcateia de lobos. Carregou novamente no acelerador. Tinha de arriscar e confiar que o seguissem. Será que alguns deles adivinhariam o seu plano?

Carregou no pedal até ao fundo e a carrinha saltou, a abrir pelo quarteirão fora. Fez a curva a cem à hora, passou rápido pelo pequeno quarteirão antes da Cimarron, e virou à direita outra vez.

Normalizou a respiração. Não via ninguém no seu relvado. Ainda tinha uma oportunidade. Tinha de perder a carrinha, no entanto; não havia tempo de a pôr na garagem.

Encostou a carrinha ao lancil e abriu a porta. Correu para a frente da carrinha ouvindo o grito deles como uma onda que se aproximava dele.

Tinha de correr o risco e trancar a garagem. Se não o fizesse, eles destruiriam o gerador; não podiam ainda ter tido tempo de o fazer. Os passos ressoavam nas lajes da entrada da garagem.

“Neville!”

Estremeceu quando viu Cortman materializar-se das sombras na garagem.

Cortman lançou-se a ele e quase o derrubou. Sentiu as mãos frias e poderosas a agarrarem-lhe o pescoço e conseguia cheirar o hálito pútrido de Cortman como uma nuvem a pairar em cima da sua cara. Rolaram os dois pela calçada e os caninos brancos de Cortman procuraram o pescoço de Neville.

Sem aviso, lançou o punho direito e sentiu-o a esmagar o pescoço de Cortman. Ouviu-o a engasgar-se. Ao cimo da rua, o primeiro do grupo corria e gritava dobrando a esquina.

Com um movimento violento, Robert Neville agarrou Cortman pelo cabelo longo e oleoso e mandou-o pela entrada empedrada abaixo, indo ele embater com a cabeça na parte lateral da carrinha.

Os olhos de Robert Neville percorreram a rua. Não tinha tempo para fechar a garagem! Contornou a casa e chegou ao alpendre.

Parou subitamente. As chaves, meu Deus!

Inspirou aterrado, girou sobre si próprio e correu até à carrinha. Cortman levantou-se com um som rouco e ele enfiou-lhe o joelho na cara branca prostrando-o outra vez no chão. Precipitou-se para a carrinha e puxou as chaves da ignição.

Quando saía do carro, apareceu o primeiro do grupo e atirou-se a ele.

Encolheu-se no banco do carro fazendo o homem tropeçar nas suas pernas e espalhar-se ao comprido na calçada. Robert Neville saiu, correu pela relva e alcançou o alpendre.

Teve de se deter para encontrar a chave certa, dando tempo para que outro homem galgasse os degraus do alpendre, alcançando-o. Neville foi esmagado contra a parede da casa pelo impacto do corpo do homem no seu. O hálito quente e denso caiu sobre ele outra vez e a boca aberta procurava o seu pescoço. Enfiou o joelho na virilha do homem e, usando a parede como ponto de apoio, levantou o pé e pontapeou o homem dobrado para cima do outro que corria no relvado.

Neville mergulhou até à porta e destrancou-a. Empurrou-a, deslizou para dentro e virou-se. Um braço apareceu na abertura enquanto ele tentava fechar a porta. Empurrou a porta contra o braço uma e outra vez com toda a sua força até que ouviu ossos a estalarem, abriu ligeiramente a porta, retirando o braço dali e fechou-a com estrondo. Colocou a tranca no sítio com as mãos a tremer.

Lentamente, sentiu afundar-se no chão e caiu de costas. Ficou deitado na escuridão, o peito a subir e descer, as pernas e braços como mem-

bro inanimados no chão. Lá fora eles uivavam e forçavam a porta, gritando o seu nome com uma fúria demente. Apanharam pedras e tijolos e começaram a mandá-las à casa enquanto gritavam e o amaldiçoavam. Ele deixou-se ficar a ouvir os uivos e as pedras e os tijolos a baterem contra a casa.

Passado um bocado, arrastou-se até ao bar. Deixou cair metade do *whisky* no tapete. Engoliu o que restava no copo e ficou ali a tremer, apoiando-se no bar para as suas pernas não cederem, a garganta apertada e convulsa, os lábios a tremerem sem que ele os conseguisse controlar.

O calor do líquido invadiu o estômago, espalhando-se por todo o corpo. A sua respiração tranquilizou-se e os espasmos no peito pararam.

Assustou-se quando ouviu um barulho enorme lá fora.

Correu para o óculo e espreitou. Cerrou os dentes e teve um acesso de raiva ao ver a carrinha tombada e eles em cima dela, desfazendo o pára-brisas com tijolos e pedras, a rasgarem a capota e a partirem o motor à paulada, como loucos, a escavacarem o chassis com golpes frenéticos. Quanto mais olhava, mais se enchia de raiva que corria dentro dele como um rio de ácido quente, balbuciava palavrões e as mãos contraíam, formando punhos brancos ao lado do corpo.

Virando-se de repente foi até ao candeeiro e tentou acendê-lo. Sem sucesso. Rosnou e correu para a cozinha. O frigorífico não funcionava. Correu de um quarto para o outro no escuro. A arca estava desligada; a comida ia estragar-se toda. A sua casa era uma casa morta.

Explodiu de raiva. Chega!

As mãos furiosas tiraram violentamente as roupas das gavetas até sentirem as pistolas carregadas.

Correu pela sala escura, tirou a tranca da porta que caiu com estrondo no chão. Lá fora os uivos aumentaram quando o ouviram abrir a porta. Vou sair, cabrões!

A porta voou e ele disparou na cara do primeiro que apanhou. O homem rodou para trás no alpendre, mas duas mulheres de vestidos rotos e lamacentos avançaram sobre ele, os seus braços brancos esticados para o agarrarem. Ele viu os seus corpos sacudirem quando as balas as atingiram e desviou-as da sua frente começando a atirar indiscriminadamente para o meio deles, com um grito selvagem que lhe repuxava os lábios brancos, sem pinga de sangue.

Continuou a disparar até descarregar as armas. Manteve-se firme no alpendre distribuindo coronhadas a torto e a direito, quase enlouquecido sem reparar que aqueles contra quem tinha disparado avançavam sobre ele outra vez. E quando eles lhe arrancaram as pistolas das mãos,

continuou a usar os punhos e os cotovelos, dando cotoveladas e cabeçadas, e pontapeando-os usando as suas enormes botas.

Só a dor lancinante de quando lhe rasgaram o ombro o fez cair em si e perceber que o que estava a fazer era inútil. Derrubando duas mulheres, recuou para a porta. O braço de um homem estava à volta do seu pescoço. Dobrou-se, levando a cabeça ao peito e arremessou o homem por cima da cabeça fazendo-o bater nos outros. Voltou para a porta, agarrou-se às ombreiras e usando ambas as pernas como se fossem pistões, mandou um homem directamente para os arbustos.

Antes que eles conseguissem alcançá-lo outra vez, bateu-lhes com a porta nas fuças, fechou-a, barricou-a, e passou-lhe a barra ao meio.

Robert Neville permaneceu na escuridão gelada da sua casa, ouvindo os vampiros gritarem.

Enfraquecido, encostou-se à parede dando pequenos murros no pladur, lágrimas corriam-lhe pela barba abaixo, a sua mão pulsando com dor. Tudo estava perdido, tudo.

“Virgínia”, soluçava como uma criança perdida e assustada. “Virgínia. *Virgínia.*”

Sexto Capítulo

A CASA ESTAVA FINALMENTE OUTRA VEZ HABITÁVEL. Estava até melhor que nunca porque tinha finalmente posto a casa à prova de som, trabalhando durante três dias só para isso. Eles podiam gritar e uivar à vontade agora que ele já não tinha de os ouvir. Gostava em especial do facto de não ter de ouvir mais o Ben Cortman.

Tudo tinha levado muito tempo e dado muito trabalho. No topo da lista estava substituir a carrinha que eles tinham destruído. Tinha sido muito mais difícil do que pensava.

Teve de ir até Santa Monica até ao único stand da Willy que ele conhecia. As carrinhas da marca Willy eram as únicas a que ele estava habituado e esta não era uma boa altura para se pôr a experimentar outras. Não podia ir a pé até Santa Monica, por isso tinha de tentar usar um dos carros estacionados na vizinhança. Mas, a maior parte deles não funcionava: ou era a bateria que tinha morrido, ou a bomba da gasolina entupida, falta de combustível, pneus furados.

Tinha, finalmente, encontrado um carro que conseguiu pôr a trabalhar numa garagem para aí a dois quilómetros de casa e conduziu de imediato até ao stand em Santa Mónica para ir buscar uma carrinha. Meteu-lhe uma bateria nova, encheu o depósito, trouxe alguns bidões de gasolina na caixa e veio para casa na carrinha nova. Chegou a casa para aí uma hora antes do pôr-do-sol.

Certificou-se disso.

Por sorte o gerador não tinha sofrido danos. Os vampiros, pelos vistos, não tinham ideia de quanto este era importante para ele porque, à parte de um fio arrancado e umas pancaditas dadas com um ferro, não lhe tinham dado importância. Conseguiu arranjar-lo logo na manhã a seguir ao ataque e conseguiu que as comidas congeladas não se estragassem. Estava grato por esta circunstância, já que sabia que, quase de certeza, não iria conseguir encontrar mais comida congelada em parte alguma da cidade que já não tinha electricidade.

Quanto ao resto, teve de arrumar a garagem e limpar os detritos de lâmpadas partidas, fusíveis, fios de toda a espécie, tomadas, solda, peças sobressalentes de motores, e uma caixa de sementes que tinha ali deixado uma vez; não se lembrava quando.

Tinham destruído por completo a máquina de lavar roupa, o que o obrigou a arranjar outra. Mas não foi complicado. A pior parte tinha sido enxaguar com a esfregona toda a gasolina que eles tinham entornado dos bidões. Tinham mesmo exagerado naquilo, pensava irritado enquanto limpava.

Tinha reparado o pladur dentro de casa e trocou até o mural antigo da parede de modo a dar outro aspecto ao quarto.

Tinha até acabado por gostar do trabalho. Tinha-lhe dado um objectivo, alguma coisa a que ele se pudesse entregar e canalizar toda a raiva que tinha ainda dentro de si. Tinha também quebrado a monotonia das suas rotinas diárias: levar os corpos, reparar o exterior da casa, pendurar o alho.

Raramente bebeu nesses dias, conseguindo passar o dia todo sem tocar numa bebida, fazendo com que o copo que tomava à noite tivesse muito mais o efeito de o relaxar em vez de se tornar apenas um escape irracional. O apetite voltou e engordou quatro quilos mas perdeu um bocado de barriga. Até dormia noites inteiras, com um sono pesado, sem sonhos.

Durante um dia ou dois, brincou com a ideia de se mudar para uma elegante suite de hotel. Mas ao pensar no trabalho todo que lhe daria para a tornar habitável, fê-lo mudar de ideias. Não, estava completamente instalado na sua casa.

Estava sentado na sala a ouvir a Sinfonia de Júpiter de Mozart e a pensar em como e onde iria iniciar a sua investigação.

Já conhecia alguns detalhes, mas eram apenas como marcadores espetados numa mais vasta superfície da causa. As respostas estavam noutro lado. Muito provavelmente nalgum facto que apreciara levianamente, nalgum conhecimento superficial que ele não tinha ainda ligado à perspectiva geral.

Mas o quê?

Não se mexia na cadeira, um copo na mão direita suada, os seus olhos fixos no mural.

Era uma gravura do Canadá: os bosques profundos do Norte, misteriosos com sombras verdes, erguendo-se à distância, parados, repercutindo o silêncio pesado da natureza sem homens. Contemplou as mudas profundidades verdes e reflectiu.

Talvez se recuasse um pouco. A resposta talvez esteja no passado, nalgum canto obscuro da memória. Recua, recua, ordenava-lhe a mente.

Era como se lhe arrancassem o coração lembrar-se do passado.

...

TINHA HAVIDO OUTRA TEMPESTADE de pó durante a noite. Ventos altos e ciclónicos tinham enchido a casa de areias, que entrava pelas falhas, passava pelos poros do pladur, e deixava uma camada de pó, fina como um cabelo, na superfície dos móveis. Por cima da cama, o pó descia como uma fina poeira, pousando nos cabelos deles e nas suas pálpebras e debaixo das unhas, obstruindo os poros.

Durante metade da noite, ele tinha permanecido acordado a tentar aperceber o som da respiração esforçada de Virgínia. Mas, não conseguia ouvir nada pois tudo era abafado pelo uivar metálico da tempestade. Durante segundos, no intervalos entre o sono e a vigília, pareceu-lhe que a casa estava a ser lixada por rodas gigantes que retinham a sua estrutura entre superfícies abrasivas gigantescas e a faziam tremer convulsivamente.

Nunca se tinha habituado às tempestades de pó. Aquele som serpenteante dos grãos em remoinho faziam-lhe cerrar os dentes. As tempestades não aconteciam com uma regularidade que lhe permitisse adaptar-se a elas. Quando apareciam, ele passava a noite em claro, inquieto, e ia para a fábrica exausto de corpo e espírito.

Também existia a Virgínia agora para o preocupar.

Eram quase quatro da manhã quando acordou de um sono leve e se apercebeu que a tempestade tinha passado. O contraste fazia do silêncio como que um zumbido nos seus ouvidos.

Conforme se levantou irritado, compondo o pijama todo torcido, notou que a Virgínia estava acordada. Estava deitada de costas a olhar fixamente para o tecto.

“Passa-se alguma coisa?”, murmurou com meiguice.

Ela não respondeu.

“Amor?”

Os seus olhos viraram-se lentamente na direcção dele.

“Nada,” disse. “Dorme.”

“Como te sentes?”

“Na mesma.”

“Oh.”

Deixou-se ficar a olhar para ela.

“Está bem,” disse, virando-se para o outro lado e fechando os olhos.

O despertador tocou às seis e meia. Era a Virgínia que costumava carregar no “stop” para o calar mas como não o tinha feito dessa vez, ele passou por cima dela e fê-lo parar. Ela continuava deitada de barriga para cima, a olhar para o tecto.

“O que foi?”, perguntou-lhe preocupado.

Ela olhou para ele e abanou a cabeça na almofada.

“Não sei, só não consigo dormir.”

“Porquê?”

Ela hesitou.

“Ainda te sentes fraca?”

Ela tentou sentar-se mas não conseguiu.

“Deixa-te estar, amor, não te mexas.” Pôs-lhe a mão na testa. “Não tens febre,” disse-lhe.

“Não me sinto doente, só... cansada.”

“Estás pálida.”

“Eu sei. Pareço um fantasma.”

“Não te levantes.”

Já estava de pé.

“Não me vou estragar com mimos,” respondeu-lhe. “Força, veste-te. Eu fico bem.”

“Não te levantes se não te sentes bem, amor.”

Ela deu-lhe uma palmadinha no braço e sorriu.

“Eu fico bem, vai arranjar-te.”

Enquanto se barbeava, ele ouvia o arrastar dos chinelos dela a passar pela porta da casa de banho. Abriu a porta e viu-a a passar pela sala muito lentamente, o seu corpo agasalhado cambaleando um bocadinho. Voltou para a casa de banho abanando a cabeça. Ela devia ter ficado na cama.

A pedra do lavatório estava coberta de pó. Aquela porcaria estava em todo o lado. Tinha finalmente decidido montar um abrigo em cima da cama de Kathy para impedir o pó de lhe cair na cara. Tinha pregado uma metade à parede junto à cama e, esticando-o por cima da cama, fixara a outra extremidade a dois postes aos pés da cama.

Não se barbeou lá muito bem porque havia partículas no sabão da barba e já não havia tempo para o pôr outra vez. Lavou a cara, tirou uma toalha limpa do armário e secou-se.

Antes de voltar ao quarto para se vestir, foi ver a Kathy.

Ela ainda dormia, a sua cabecinha loura sem se mexer na almofada, as suas bochechas rosadas do sono pesado. Passou um dedo por cima do abrigo e, quando o retirou, vinha cinzento do pó.

Desolado, abanou a cabeça e saiu do quarto.

“Querias que estas malditas tempestades acabassem”, dizia enquanto entrava na cozinha, daí a dez minutos. “Tenho a certeza de que...”

Interrompeu-se. Todos os dias a encontrava ao fogão virando os ovos ou as tostas ou panquecas, a fazer café. Hoje estava sentada à mesa. No fogão, o café aquecia, mas não havia mais nada ao lume.

“Querida, se não te sentes bem, volta para a cama, eu posso fazer o meu próprio pequeno-almoço.”

“Deixa estar, estava só a descansar. Desculpa. Vou levantar-me e estrelar-te uns ovos.”

“Deixa-te estar aí, não sou um inútil.”

Ele dirigiu-se ao frigorífico e abriu-o.

“Gostava de saber o que é isto que anda aí”, disse ela. “Metade das pessoas da vizinhança estão assim, e contaste-me que metade da fábrica está de baixa.”

“Deve ser uma virose.”

Ela abanou a cabeça. “Não sei.”

“Entre as tempestades e os mosquitos e toda a gente a ficar doente, esta vida está a tornar-se uma porcaria”, respondeu-lhe, deitando sumo de laranja num copo. “E falai do mal.”

Tirou um grão negro de pó que estava no sumo de laranja de dentro do copo.

“Como raio entram eles no frigorífico, nunca saberei.”

“Para mim não, Bob.”

“Não queres sumo?”

“Não.”

“Faz-te bem.”

“Não, querido, obrigada.” Agradeceu, tentando sorrir.

Pôs a garrafa de volta no frigorífico e sentou-se à frente dela com o copo de sumo.

“Não sentes nenhuma dor? Nenhuma dor de cabeça, nada?”

Ela virou a cabeça devagar de um lado para o outro.

“Tomara eu saber o que está errado comigo.”

“Telefona hoje ao Dr. Busch.”

“Está bem,” e começou a levantar-se. Ele pôs-lhe a mão em cima da mão dela.

“Não, não, amor, deixa-te estar.”

“Mas não há nenhuma razão para me sentir assim.”

Estava zangada. Tinha sido sempre assim, ela. Se ficava doente, irritava-se. A doença aborrecia-a. Tomava-a por uma ofensa à sua pessoa.

“Vá lá,” disse ele enquanto se levantava. “Eu ajudo-te a voltares para a cama.”

“Não, deixa-me estar aqui ao pé de ti, vou para a cama depois da Kathy ir para a escola.”

“Tudo bem. Mas não queres mesmo nada?”

“Não.”

“Que tal um café?”

Ela abanou a cabeça.

“Vais ficar mesmo doente a sério se não comeres.”

“É que não tenho mesmo fome.”

Ele acabou o sumo e levantou-se para ir estrelar dois ovos. Partiu-os na extremidade da frigideira e deitou os ovos para a gordura derretida do bacon. Tirou o pão da gaveta e levou-o para a mesa.

“Olha, vou buscar a torradeira,” disse Virgínia. “Olha os teus... oh Deus.”

“O que foi?”

Ela passou uma mão enfraquecida à frente da cara.

“Um mosquito”, disse com uma careta.

Ele aproximou-se e num segundo esmagou o mosquito entre as mãos.

“Mosquitos,” disse ela. “Moscas, pulgas da areia.”

“Estamos a entrar na era do insecto,” respondeu-lhe.

“Não é nada bom isto, eles transportam doenças. Temos que pôr também uma rede à volta da cama da Kathy.”

“Eu sei, eu sei,” e voltou para o fogão inclinando a frigideira para que a gordura fritasse melhor o branco dos ovos. “Estou há que tempos para o fazer.”

“Acho que o spray também não funciona”, continuou Virgínia.

“Achas que não?”

“Acho.”

“Meu Deus, e aquele é supostamente um dos melhores do mercado.”

Colocou os ovos num prato.

“Tens a certeza que não queres uma chávena de café?”, perguntou-lhe.

“Não, obrigada.”

Ele sentou-se e ela passou-lhe uma torrada já com manteiga.

“Espero mesmo que não estejamos a criar uma raça de superinsectos, lembras-te daquela espécie de gafanhotos gigantes que descobriram no Colorado?”

“Sim.”

“Talvez os insectos estejam a sofrer... como se diz? Mutações?”

“O que é que é isso?”

“Quero dizer que eles... mudam. De repente. Saltam dezenas de pequenos passos evolucionários, seguindo caminhos que não era suposto seguirem se não fosse...”

Silêncio.

“Os bombardeamentos?”

“É possível.”

“Bem, são eles os responsáveis pelas tempestades. E se calhar por muitas outras coisas.”

Suspirou desalentada e abanou outra vez a cabeça

“E disseram-nos que ganhámos a guerra,” continuou.

“Ninguém ganhou a guerra.”

“Os mosquitos ganharam-na.”

Ele sorriu.

“Também acho que sim.”

Deixaram-se estar mais um bocado ali sem falarem e o único som na cozinha era agora o garfo a bater no prato e a chávena no pires.

“Foste ver a Kathy ontem à noite?”, perguntou-lhe ela.

“Acabei de a ver. Ela está bem.”

“Ótimo.”

Ela estudou-o por um momento.

“Bob, estive a pensar, se calhar devíamos mandá-la para Leste, para a casa da tua mãe até eu melhorar. Isto pode ser contagioso.”

“Podíamos,” duvidou ele, “mas se for mesmo contagioso, a casa da minha mãe não será mais segura do que a nossa.”

“Achas que não?”. Parecia preocupada.

Ele encolheu os ombros. “Não sei, amor. Acho que provavelmente ela está aqui tão segura como lá. Se as coisas piorarem aqui na vizinhança, tiramo-la da escola.”

Ela ia dizer alguma coisa, mas parou.

“Está bem.”

“É melhor despachar-me.”

Ela acenou com a cabeça e ele comeu o resto do pequeno-almoço rapidamente. Enquanto acabava o café, ela perguntou-lhe se ele tinha comprado o jornal no dia anterior.

“Está na sala”, respondeu.

“Algumas novidades?”

“Nã. Tudo na mesma. Está espalhado por todo o país, um bocado aqui, outro ali. Ainda não conseguiram localizar o germe.”

Ela mordeu o lábio inferior.

“Ninguém sabe o que é?”

“Duvido. Se alguém soubesse, eles já o tinham dito de certeza.”

“Mas pelo menos devem fazer uma *ideia*.”

“Todos têm uma teoria. Mas nenhuma tem valor.”

“O que é que eles dizem?”

Ele encolheu novamente os ombros. “Dizem tudo desde arma bacteriológica para baixo.”

“Achas que é?”

“Uma arma bacteriológica?”

“Sim.”

“A guerra acabou.”

“Bob”, disse de repente, “achas mesmo que devias ir trabalhar?”

Ele sorriu, desalentado.

“Que mais posso fazer?”, perguntou. “Temos de comer.”

“Eu sei, mas...”

Ele inclinou-se sobre a mesa e sentiu quão fria estava a mão dela.

“Amor, vai dar tudo certo.”

“E achas que devíamos mandar a Kathy para a escola?”

“Acho que sim”, respondeu. “Só se as autoridades de saúde fechassem as escolas. Não vejo porque ela deva ficar em casa. Não está doente.”

“Mas os miúdos todos na escola...”

“Acho mesmo que é melhor,” concluiu.

Ela pigarreou e disse: “Tudo bem. Se achas que é melhor.”

“Queres alguma coisa antes de eu sair?”

Ela abanou a cabeça.

“Fica em casa o dia todo, por favor, e na cama.”

“Farei isso, assim que a Kathy sair.”

Ela bateu-lhe ao de leve na mão. Lá fora, soou uma buzina.

Ele acabou o café e foi passar a boca por água à casa de banho. Apanhou o casaco do armário da sala e vestiu-o.

“Até logo, amor”, despediu-se e deu-lhe um beijo na cara. “Tem calma, ok?”

“Até logo,” respondeu ela. “Tem cuidado.”

Ele atravessou a relva, rangendo os dentes por causa dos resíduos de pó no ar. Conseguia cheirá-lo à medida que andava, uma comichão seca nas narinas.

“...dia,” cumprimentou, entrando no carro e fechando a porta.

“Bom-dia,” respondeu Ben Cortman.

Sétimo Capítulo

“**D**ESTILADO DE *ALLIUM SATIVUM*, uma espécie de *Liliaceae* constituída por alho, alho-porro, cebola, cebolinho e chalota. Possui uma cor pálida e um odor penetrante, contendo vários sulfuretos de *allium* integrados. Composição: água, 64,6%; proteína, 6,8%; gordura, 0,1%; hidratos de carbono, 26,3%; fibra, 0,8%; resíduos, 1,4%.”

Era aquilo. Deixou rodar um dos dentes carnudos e cor-de-rosa na palma da mão direita. Durante sete meses tinha-os enfiado em colares aromáticos e tinha-os pendurado fora da casa sem fazer a mínima ideia porque é que afastavam os vampiros. Tinha chegado a altura de o saber.

Pôs o dente de alho à beira do lavatório. Alho-porro, cebola, chalota e cebolinho. Será que todos funcionavam tão bem quanto o alho? Sentir-se-ia um idiota se assim fosse, depois de ter percorrido quilómetros à procura de alho enquanto que por toda a parte havia cebolas.

Esmagou o dente de alho numa polpa e cheirou o fluido ácido na lâmina grossa da machadinha.

Tudo bem, e agora? O passado não lhe tinha revelado nada que o pudesse ajudar; eram só histórias de vírus e pragas de insectos, e não tinham estas sido as causas. Disso estava certo.

Mas, o passado tinha-lhe trazido mais alguma coisa: a dor da lembrança. Todas as palavras que tinha recordado eram como facas que se espetavam dentro dele. Abriram-se velhas feridas cada vez que tinha pensado nela. Teve de parar, finalmente, olhos fechados, punhos cerrados, tentando desesperadamente aceitar o presente tal como ele era, evitando desejar com todas as suas fibras que o passado voltasse. Mas só a bebida conseguira adormecer toda aquela introspecção acabando por afastar aquela mágoa irritante que o remexer no passado trouxera.

Fixou os olhos. Vá lá, caraças, faz alguma coisa!

Olhou para o texto outra vez, água – o que significava aquilo? Não, era ridículo; todas as coisas continham água. Proteína? Não. Gordura? Não. Hidratos? Também não. Fibra? Não. Resíduos? Não. Mas o quê?

“O odor e o sabor característico do alho provém de um óleo essencial que representa até 0,2% do seu peso, sendo que este óleo é constituído principalmente por sulfuretos de *allium* e ácido isotiocianato.”

Talvez fosse aquela resposta.

O livro continuava: “O sulfureto de *allium* pode ser preparado ao

aquecer óleo de mostarda e sulfato de potássio a cem graus.”

Deixou-se cair no cadeirão da sala e suspirou com desgosto. Onde raio é que vou arranjar sulfuretos de potássio e óleo de mostarda? E o equipamento para os preparar?

Isto é muito bom, ironizou. Ainda não deste o primeiro passo e já te estatelaste com as fuças no chão.

Levantou-se contrariado e foi até ao bar. Mas a meio da bebida pousou violentamente a garrafa. Não, por Deus, não era do feitio dele ir por ali fora como um cego, errando através de uma existência sem sentido ou propósito até que a idade ou algum acidente lhe tirasse a vida. Ou encontrava uma saída ou mandava tudo pelos ares, a própria vida se fosse caso disso.

Viu as horas. Dez e vinte da manhã; tinha tempo. Dirigiu-se para o corredor, resolutamente, e percorreu a lista telefónica. Existia um lugar em Inglewood.

Quatro horas depois, levantou-se com uma dor no pescoço e com uma seringa hipodérmica cheia de sulfureto de *allium* na mão, sentindo-se, pela primeira vez desde o seu isolamento forçado, um homem realizado.

Excitado com a descoberta, correu até à carrinha e conduziu para fora da área que ele tinha limpo e delimitado com marcas brancas de giz. Era mais que provável que alguns vampiros se tivessem instalado na área livre e estivessem escondidos. Mas ele não tinha tempo para os procurar.

Estacionou a carrinha, entrou numa casa e dirigiu-se ao quarto. Uma jovem mulher estava lá deitada com um traço de sangue delineando-lhe os lábios.

Neville virou-a, puxou-lhe a saia e injectou-lhe o sulfureto de *allium* no rabo suave e carnudo, depois, virou-a outra vez para a posição original e recuou. Esteve durante meia hora a observá-la.

Não aconteceu nada.

Isto não faz sentido. Penduro alho à volta da casa e os vampiros não se aproximam. Ora, a característica principal do alho é este óleo que lhe injectei. Mas não aconteceu nada.

Porra, não aconteceu nada!

Guardou a seringa e tremendo de raiva e de frustração foi para casa. Antes de escurecer, construiu uma barraquita no relvado da frente da casa e pendurou fiadas de cebolas na estrutura. Passou a noite inquieto, e só a consciência de que havia tanta coisa ainda por fazer o afastava da bebida.

Pela manhã, saiu e viu a madeira espalhada pelo relvado.

...

A CRUZ. SEGURAVA UMA NA MÃO, brilhante, dourada ao sol da manhã. Isto também afastava os vampiros.

Mas porquê? Haveria alguma resposta lógica em que ele poderia acreditar sem escorregar nas cascas de banana do misticismo?

Só havia uma maneira de saber.

Tirou a mulher da cama tentando ignorar a pergunta que se formava na sua cabeça: porque é que experimentas sempre nas mulheres? Ele não se atrevia a admitir que este pensamento pudesse ser válido. Ela estava simplesmente mais à mão, era só isso. Ah! E o homem que estava na sala? Pelo amor de Deus, respondeu. Não a vou violar!

A fazer figas, Neville? A bater na madeira?

Fez por ignorar, suspeitando levemente que a sua mente alojava um estranho. Em tempos ter-lhe-ia chamado consciência. Agora era apenas uma chatice. A moralidade, afinal, tinha caído com a sociedade. Ele fazia a sua própria ética.

Boa desculpa, não é, Neville? Oh, vê se te calas.

Mas não passaria a tarde na companhia da mulher.

Depois de a ter atado a uma cadeira, fechou-se na garagem e começou a mexer na carrinha. Ela usava um vestido negro rasgado que deixava ver muita coisa. Longe da vista... era mentira, bem sabia, mas tinha-se decidido a não o admitir.

Por fim a noite caiu, piedosamente. Trancou a garagem e voltou a casa, trancando a porta da frente com a barra de ferro. Então preparou uma bebida e sentou-se no sofá em frente à mulher.

Do tecto mesmo em frente à cara dela pendia uma cruz.

Às seis e meia ela abriu os olhos. De repente, como os olhos de alguém que dorme mas que tem uma missão definida assim que acorda: como alguém que não entra vagamente no mundo consciente mas que o faz com um movimento simples, preciso, sabendo exactamente o que tem de ser feito.

Então viu a cruz e desviou o olhar com um grito enquanto torcia o corpo na cadeira.

“Porque tens medo dela?”, perguntou-lhe, um pouco surpreendido com a sua própria voz que não ouvia há já algum tempo.

Os seus olhos encontraram-se, fazendo-o arrepiar-se. Como brilhavam, como a sua língua percorria os seus lábios vermelhos como se tivesse vida própria. O modo como ela flexionava o corpo como se quisesse aproximar-se mais dele. Um latido gutural, como um cão que defendia o seu osso, encheu-lhe a garganta.

“A cruz,” disse nervosamente. “Porque tens medo dela?”

Ela apertou-se contra as amarras, as mãos debatendo-se de cada

lado da cadeira. Nem uma palavra, só uma sucessão áspera e convulsiva de respirações. O seu corpo retorcido na cadeira, os seus olhos na direção dele queimando.

“A cruz!”, gritou furioso.

Estava de pé, o copo caído vazava o líquido sobre o tapete. Agarrou o fio nos seus dedos tensos e balançou-lhe a cruz perto dos olhos. Ela desviava a cabeça com murmúrios assustados e encolhia-se na cadeira.

“Olha para ela!”, ordenou-lhe.

Um grito de pânico saiu de dentro dela. Os seus olhos percorriam selvaticamente a sala, olhos grandes e brancos com pupilas como partículas de fuligem.

Ele agarrou-lhe o ombro e retirou a mão imediatamente. Deitava sangue das feridas de dentes aguçados.

Contraíram-se-lhe os músculos do estômago. A mão foi atrás como um chicote e atingiu-a na bochecha fazendo com que a cabeça lhe caísse para o outro lado.

Dez minutos mais tarde, ele lançava o corpo dela na rua fechando-lhes a porta nas trombas. Deixou-se ficar encostado à porta respirando com dificuldade. Ouviu através do isolamento acústico o som desmaiado deles, lutando como chacais pelos restos.

Depois foi até à casa de banho deitar álcool nos buracos das feridas, desfrutando satisfeito da dor que queimava a sua carne.